



A MULHER BATISTA COMO SUJEITO COLONIZADO A PARTIR DOS DISCURSOS N’O *JORNAL BATISTA*: A SEÇÃO “A FAMÍLIA” COMO POSSIBILIDADE DE FONTE

Marcela Prenda Teixeira (PPGH/UFGD)
marcela.prenda@outlook.com

RESUMO: *O Jornal Batista*, um dos primeiros periódicos protestantes do Brasil, fundado em 1901 e ainda em circulação, possui uma considerável viabilidade no que diz respeito ao uso de seus textos no entrecruzamento entre os Estudos de Gênero e a História das Religiões. Isso, pois, segundo a pesquisa de mestrado em andamento, a qual este resumo se resulta, os discursos foram analisados partindo do pressuposto de que o texto institucional sagrado seja autossuficiente, pois restringe e transforma as percepções de mundo, as opiniões políticas e culturais, delinea objetivos de vida de acordo com a condição e corpo de seus leitores, mas, principalmente, é tratado e age como propagador da verdade (única e absoluta), superando as temáticas estritamente religiosas nos seus pronunciamentos. O teórico francês Michel Foucault (1996) também nos auxilia quando escreve sobre o discurso e sua alienação pela legitimidade, visto que é por meio dele que as verdades se materializam e são verbalizadas e as doutrinas são difundidas. Dessa maneira, os textos da *Seção “A Família”* se fazem de grande utilidade quando se busca discursos, fundamentados e admitidos pela Igreja Batista, direcionados ao feminino, mas, além disso, se partimos da hipótese de que, apesar de grandes restrições ou censuras, há sempre uma autonomia e uma perspectiva própria de quem escreve também se encontram textos da percepção feminina sobre elas mesmas. As consequências da relação entre a mídia religiosa e a vida pública e privada de uma mulher que se reconhece dessa religião, pela forma como a primeira intervém na segunda, podem ser compreendidas como uma *violência simbólica*, isso porque, se aplicarmos a definição de Pierre Bourdieu (1989), percebemos que a mulher religiosa vivencia isso por dois vieses, afinal ela é colonizada e dominada tanto pelo homem como pela religião que valida toda essa submissão. Ou seja, dessa forma, entendem-se os discursos de autoria feminina como reflexo dessa submissão e repressão institucionalizada, visto que são as mulheres que mais publicam nesse segmento do jornal. Desse modo, propõem-se discutir acerca dos comportamentos direcionados e restringidos às mulheres batistas: as formas de se portar (a mulher no “mundo”), os papéis de “esposa” e “conselheira” (a mulher no “mundo” privado) e o lugar da mulher na esfera religiosa (a mulher cristã).

Palavras-chaves: Igreja Batista; feminino; violência simbólica; submissão; repressão institucionalizada.